

OS ÚLTIMOS DIAS DE ÉDITH PIAF: DE PERSONA VOCAL A ÍCONE DA CULTURA MIDIÁTICA

THE LAST DAYS OF ÉDITH PIAF: FROM PERSONA VOCAL TO ICON OF MEDIA CULTURE

LOS ÚLTIMOS DÍAS DE ÉDITH PIAF: DE LA PERSONA VOCAL AL ICONO DE LA CULTURA DE LOS MEDIOS

Fedro Fragoso¹

Heloísa de A. Duarte Valente²

Resumo: “Os últimos dias de um ícone – Édith Piaf” (2005), Philippe Pichon retrata um importante nome da canção francesa: mulher de saúde frágil, ao mesmo tempo voluntariosa; momentos de glória na vida pública e solidão, na intimidade. Morbidez e vertigem se intercalam. Imagem contrasta fortemente com representação fixada pela indústria fonográfica, observada nas capas de disco. Considerada no âmbito da canção das mídias (Valente, 2003), este texto analisa aspectos como sua performance (Zumthor, 1986), a persona vocal criada por Piaf (Coli; Valente, 2018), da paisagem sonora particular (Schafer, 2003). Estes parâmetros contribuem para compreender Piaf como elemento constitutivo da memória midiática.

Palavras-chave: Música. Paisagem sonora. Édith Piaf. Persona midiática, Performance.

Abstract: “The last days of an icon - Édith Piaf” (2005), Philippe Pichon portrays an important name of the French song: a woman of fragile health, at the same time willful; moments of glory in public life and solitude, in intimacy. Morbidity and vertigo are interspersed. Image contrasts sharply with representation set by the recording industry, seen on the album covers. Considered within the scope of the song of the media (Valente, 2003), this text analyzes aspects such as his performance (Zumthor, 1986), the vocal persona created by Piaf (Coli; Valente, 2018), of the particular sound landscape (Schafer, 2003). These parameters contribute to understand Piaf as a constitutive element of media memory.

Keywords: Music. Soundscape. Édith Piaf. Mediatic persona. Performance.

Resumen: “Los últimos días de un icono - Édith Piaf” (2005), Philippe Pichon retrata un nombre importante de la canción francesa: una mujer de salud frágil, al mismo tiempo voluntariosa; momentos de gloria en la vida pública y la soledad, en la intimidad. La morbilidad y el vértigo se intercalan. La imagen contrasta fuertemente con la representación establecida por la industria discográfica, que se ve en las portadas de los álbumes. Considerado en el ámbito de la canción mediática (Valente, 2003), este texto analiza aspectos como su interpretación (Zumthor, 1986), la persona vocal creada por Piaf (Coli; Valente, 2018), del paisaje sonoro particular (Schafer, 2003). Estos parámetros contribuyen a entender a Piaf como un elemento constitutivo de la memoria mediática.

Palabras-clave: Canción. Paisaje sonoro. Édith Piaf. Persona mediática. Performance.

Envio 09/11/2020

Aceite 09/02/2021

¹ Mestrando. Universidade paulista UNIP . fedrobrasil@gmail.com

² Professora titular em Comunicação e Cultura Midiática (Universidade Paulista- UNIP) . musimid@gmail.com

Introdução

Antes de iniciar, é importante ressaltar que este texto apresenta resultados parciais da dissertação de mestrado - A canção francesa e suas repercussões no âmbito da memória da cultura midiática brasileira, em andamento ³. Escolhemos a obra “Os últimos dias de um ícone – Édith Piaf”, (2005), dirigida por Philippe Pichon (2005), uma vez que esta vem a contribuir para a compreensão de alguns aspectos teóricos desenvolvidos no projeto: a canção francesa e suas repercussões no âmbito da memória da cultura midiática brasileira. Partimos de pressupostos teóricos elaborados por Paul Zumthor (1986) – em particular, aspectos sobre da performance e memória; Murray Schafer (2001) vem a contribuir com o conceito de paisagem sonora. Para necessário conhecer mais de perto algumas particularidades da artista Piaf em sua forma tecnicamente mediatizada – ou seja, a partir dos discos, transmissões radiofônicas, televisivas, cinematográficas, além dos autores citados, abordaremos o conceitos de canção das mídias (Valente, 2003) e persona vocal (Valente; Coli, 2018).

Selecionamos a repercussão da canção *Non! Je ne regrette rien*, lançada em discos e também comentada em trechos do documentário citado. Na obra Pichon não trata apenas dos dias que antecederam o fim precoce da cantora, mas também destaca aspectos comportamentais que ultrapassam a imagem da artista que assume o papel simbólico de *bode expiatório* da humanidade que, por meio de seu canto, vem a purgar as amarguras da pessoa comum⁴. Pichon aponta traços de personalidade irreverente, combativa, relutante, teimosa; que se recusa a à reclusão, que transborda a razão de existir no ato de cantar – imagem que contrasta com os retratos publicados pela imprensa e capas de discos.

As páginas que seguem abordarão os seguintes aspectos: a performance de Édith Piaf e como esta se expressa pelo material iconográfico de alguns dos seus discos. Em seguida, cotejaremos algumas declarações dos depoentes no filme de

³ “A canção francesa e suas repercussões no âmbito da memória da cultura midiática brasileira”, junto ao Programa de Comunicação e Cultura Midiática (UNIP). O pesquisa é parte integrante do “Sous le ciel de Paris”: memória e nomadismo da canção francesa, no Brasil, coordenado por Heloísa de A. Duarte Valente e financiado pela FAPESP (processo 2018/11766-8, modalidade: Auxílio Pesquisa/ Regular).

⁴ Valente (2003), aborda circunstâncias particulares em que cantoras líricas assumiram tal papel, mediante uma convenção cultural de seu tempo. Um caso exemplar é o da cantora Maria Malibran. (1808-1836),

Pichon, a fim de levantar aspectos contraditórios em relação à imagem criada para representar Piaf. Por fim, analisaremos como a imagem da cantora a transformou em bem de consumo no âmbito da indústria fonográfica.

O olhar do diretor Philippe Pichon passeia pelo cotidiano da artista, sua intimidade, seus costumes, a rotina com a limitação física, seu canto e suas dores, seu público desejando a audiência ampliando, contrapondo com a mulher no declínio final. O foco do documentário explora os momentos finais de Piaf; o estilo da vida pública glamorosa, espelhando sua vida privada, cada vez mais regrada e limitada. Ocorre que os fatos corroboram para evidenciar as imagens de sucesso da artista e o sofrimento da mulher na vida íntima. Podemos apreciar em todo o filme inúmeras interferências, contribuindo para o registro da história da Cantora, os testemunhos de Charles Dumont compositor de “*Non, je ne regrette rien*”; da secretária particular Danièle Bonel; de seu fiel motorista Robert Burlet. No nosso entender, o filme busca fixar a imagem ambivalente de Piaf: a um só tempo laboriosa e ativa de Piaf, é na sequência estampa pela dor; momentos de muita angústia, de exaustão, explorada pela documentário. A cantora efetivamente toma a sua arte como missão divina, sacrifica o seu corpo miúdo, ainda que isto venha a lhe custar a morte.

O filme mostra um público crescente de fãs da artista, conforme vamos chegando nos momentos finais da vida de Piaf. Destacamos a colaboração de memorialistas como Bernard Marchois, que se manifesta *em off* enquanto se veem imagens de multidões, os fãs ardorosos de Piaf. Os olhos e ouvidos dos telespectadores são envolvidos pelas performances da artista, percebe-se no filme uma crescente audiência, que só parece aumentar em cada aparição pública da cantora. O documentário também destaca uma espécie de voyeurismo por parte dos expectadores, ávidos em conhecer a Piaf longe dos holofotes.

A narrativa adota um tom de intimidade, desenvolvendo uma afetividade entre os telespectadores e a cantora. Um ponto de sutura tenta estabelecer uma proximidade entre expectador e a vida da artista. Essas imagens invadem o imaginário do contemplador, criando camadas e mais camadas de elementos visuais e sonoros. Aqui vale destacar os estudos de Malena Contrera (2017) acerca das imagens técnicas tragadas pelo furacão das imagens visuais, que se auto reproduzem

tecnicamente, alimentando-se do nosso olhar cansado, público esgotado para questionar, separar, desassociar. No caso de Piaf, a imagem fixada, que se impõe, é a do sofrimento estampado no semblante da artista. Contraditoriamente, a cantora não atende às demandas de seu corpo e empreende uma turnê suicida, dando prioridade em atender ao seu desejo expresso de retomar a vida em sua plenitude. À medida em que se chega ao final do documentário, intensificam-se as imagens de dor nos seus últimos momentos de vida, uma força vital que mascara sua saúde frágil.

Os últimos dias de um ícone – Édith Piaf

Partimos da perspectiva do documentarista João Moreira Salles para quem, a princípio, todo filme é, em si, um documento: “Todo filme seja de ficção ou de não-ficção, é um documento, e pode ser lido assim. E não seria muito difícil segundo essa mesma abordagem avançar uma casa, e transformar toda ficção em documentário” (Salles, 2006, p.4).

O filme relata um intervalo entre os últimos dias da vida de Piaf, os fatos e a história, elementos comprobatórios, verídicos. Uma narrativa foi desenvolvida, explorada pelo olhar de um diretor Philippe Pichon nos oferece inúmeras cenas para que seja conhecido como se dava a concepção da performance por Piaf, o que significa aceitar seus recortes, seus focos, suas escolhas; os meios selecionados no intuito de evidenciar as características que denotam a personalidade firme e forte da cantora. O infortúnio e o drama dão o ritmo à existência nos momentos finais na vida de Piaf. Este documentário destaca partes da vida glamorosa da sua carreira artística; seu apogeu.

O documentário retrata que, há sempre esperança mesmo quando tudo vai mal: “Tudo que fiz na vida foi desobedecer”, Piaf, narra Charles Dumont (3’43”). Caminhos que o documentário trilha para compreensão do ícone, na sua máxima dimensão, conduzido por um estilo poético cantando sempre para e com amor e com amor, a dor e as perdas, um poema triste, identificado no olhar melancólico da artista, uma energia inspiradora circula a imagem da cantora na busca pelo amor. Uma imagem sofrida e

bem explorada pela mídia: a análise da *persona* midiática, a partir de uma narrativa, recortes, articulações, depoimentos que se alinham e entrecruzam.

Édith Piaf é retratada por Philippe Pichon como uma mulher de personalidade intransigente, caracterizada pela sua rigidez emocional, regida por um comportamento austero, ao mesmo tempo que irreverente... que canta a partitura do seu imaginário. De acordo com a sua secretária particular Danielle Bonel “Não poderíamos proibi-la, ela era a chefe” (42’02”). Bonel acrescenta, ainda: “Se ela (Piaf) não falasse, ninguém poderia falar” (36’01”).

Muitas fotografias e textos ilustram as falas dos depoentes vão reiterar e destacar as informações, conferindo fidelidade ao documentário. O sucesso crescente, a imagem da cantora das ruas em consonância com a voz da fortalecida em cada show. O documentário apresenta a imagem da cantora, sempre se referindo aos fatos. Sua música, sua voz, seus gestos, registrados pela câmera e pelo roteiro do diretor. Esse aspecto atende a uma necessidade formal na concepção do documentário, conforme destaca Nichols, especialista no tema:

Há uma especificidade no vídeo e no filme documentário que gira em torno do fenômeno de sons e imagens em movimento gravados em meios que permitem um grau notavelmente elevado de fidelidade entre a representação e aquilo a que ela se refere. (Nichols, 2001, p. 22).

O roteiro se volta para o passado: aponta registros, fatos e relatos do comportamento rebelde de Piaf, dando ênfase no esgotamento físico da cantora, que não se verga à agenda cheia e movimentação intensa da artista. O filme também destaca o prazer pela música, como saída para a superação. O documentário retrata os últimos passos, de uma mulher ainda em busca do amor. Também apresenta também uma Piaf criteriosa, cuidadosa com a preservação de sua imagem e sua identidade artística.

Para compreender melhor como o filme se desdobram, destacamos algumas partes do filme. Primeiramente, o trecho em que Charles Dumont teve o primeiro contato com a cantora. Autor de um dos seus maiores sucessos, bem explorado no

filme, a canção “Non, je ne regrette rien” Dumont narra, em tom emotivo, desde a ironia e desprezo com que foi tratado inicialmente por parte de Piaf, duvidando de “sua competência e capacidade como compositor”. Estabeleceu-se uma relação delicada, difícil, duvidosa entre ambos até a definitiva aceitação da canção “Non, je ne regrette rien” por Piaf. Posteriormente, a cantora estabeleceria uma forte parceria com o compositor e a confiança se transformaria em amizade (9’26”).

A música de Dumont será uma das canções que vão acompanhar Édith nos seus últimos espetáculos. O documentário trata também da vida amorosa da cantora, a partir do relato de Charles Dumont, mais especificamente, sobre o último casamento de Piaf com Théo Sarapo “Foi uma história fantástica!” (37’15”). Uma verve romântica é entregue aos espectadores: não à morte e sim o fim da dor! No documentário muitas cenas mostram Édith como uma mulher enervada e autoritária, enfrentando a dor e até fazendo esquecer da existência delas. Piaf quer cantar a todo preço; ela vai lançar sua voz ao seu público- afinal, sua plateia clama sua presença! Uma voz em uma performance singular, recebida com euforia pelos fãs, que assimilaram sua forma de comunicação peculiar.

Com as casas de shows lotadas, o sucesso de Piaf em harmonia com a sua imagem sua voz, sua energia, sua firmeza, sua personalidade, sua forma de contato comunicativo leva seus fãs ao êxtase. Piaf surge com muita força e se apresenta no Olympia, a mais antiga sala de espetáculos musicais de Paris. Àquela época, à beira da falência celebraria a volta de Piaf com o espetáculo em 21 de dezembro 1961, reverteria a situação: Charles Dumont afirma: “ela cantou *Non! Je ne regrette rien* e, no dia seguinte as lojas venderam todos os discos de Piaf disponíveis em um dia. As fábricas trabalhavam dobrando na produção” (15’34”). Na reestreia, toda a “nata” da sociedade francesa estava presente no grande show. O modelo construído da artista que veio das calçadas, praças, ruas, circos e cabarés, conflitando e criando uma Piaf, todos esses ingredientes compondo um tom, uma ressonância, uma imagem, um corpo, vários gestos, inúmeras atitudes tudo retratado na sua expressão, nos seus gestos, na sua música, no seu corpo e na sua face. Um estilo peculiar de representar se estabelece nas bases da vida pública, pública no sentido popular de massa.

Sob o ponto de vista de (Valérie 2005), o filme revela uma trapaça para criar a cena da morte de Piaf, uma manipulação midiática, distorção dos fatos, descrito pelos

mais próximos a artista. De acordo Bernard Marchois “ Paris toda saiu as ruas, foi um velório nacional” (4’44”), já Danielle Bonel adverte que após a morte, Édith Piaf “tinha que morrer em Paris. Não aceitaria outra coisa. Era o que ela queria” (47’51”). Mas os fatos apontam que isso não ocorreu e houve todo um agenciamento de ações para simular que a morte teria ocorrido na capital francesa.

A relação com as enfermidades, com seus amigos, com seus amores e a iminência da morte como parceira do sucesso. Em *Os últimos dias...*, a artista que cantou a dor, ruidosa, estridente com amor, comove seus fãs, em vez de uma ruptura pela decadência da vida, sem vigor, o contrário surge como inesperado, a audiência se estabelece e cresce, a dor pela canção como atrativo. Turnês lotadas pela França, até sua despedida não-planejada, encerram a vida e tem início um modelo de audiência da saudade e da memória musical: “Ela cantava o lamento de uma vida toda, ela canta o epitáfio”, relata (50’16”). Vários sentimentos são identificados no filme, tristeza, dor, rancor... se reverter esses padrões em uma ação, a continuidade da audiência, um modelo, uma voz, um momento que encontra com a imagem perfeita na cantora em Piaf. O filme mostra uma Piaf destemida, o som amplo e potente da sua voz para atingir e invadir a mente, se estabelece. A música que conforta, que conclama; que protesta, surge em contraponto à manifestação da dor, promovendo a empatia, acolhimento dos extremos, da dor e do prazer, a um mesmo tempo. O corpo franzino, porém, com voz ampla e forte, uma perfeita comunicação com seus fãs. Todos seguindo Piaf, perseguindo e desejando a retomada do prazer, “o show não poderia parar”... e não parou.

Dor, sofrimento e a melancolia

Como já anunciamos, procuramos neste trabalho, realçar a Piaf e sua performance, durante todo o filme a disputa entre os contornos do *glamour* e uma vida carregada de desventuras na trajetória da artista. O filme traz registros históricos que corroboram para construção da imagem de artista Piaf a matriz de um modelo de performance ancorado na simbologia da dor e do sacrifício. Passemos, agora, para uma análise sobre tais representações e sua forma de expressão performática.

No caso de Piaf, a dor, o sofrimento e a melancolia se apresentam juntos e se mesclam: “Aquilo que somos e que nos forma, deforma, conforma, transforma, é a memória; aquilo que, de tudo o que vivemos, nos restou significativo, valeu a pena ser inscrito na nossa natureza, sejam vivências de dor ou de prazer”. (Contrera, 2017, p.146). Piaf viveu intensamente o documentário apresenta, a mulher responde pela escolhas, cantar a todo custo, cantar a todo preço, as escolhas da cantora são as fontes de vida e resultado da sua morte antecipada, cantar foi todo o seu prazer. Édith Piaf “Nunca se arrependam de nada!” (3’32”).

Os momentos mais felizes de Piaf foram no palco, cantando o amor e a tristeza. Mas tais momentos de prazer emanam de um corpo decadente, cuja saúde está irreversivelmente comprometida. Isto parece gerar um desconforto aos seus espectadores, que se mostram incomodados, desejando que ela cuide mais da sua saúde, atenda os médicos, permita ser cuidada, a negligência ocorre em vários momentos do documentário, Edhit Piaf diz: “Eu fiquei intoxicada com calmantes” (29’11”). Perguntam a Piaf: “Se o médico a mandasse parar, mas você achasse que teria forças, você desobedeceria a ele?” Responde Piaf: “Sim!” (33’25”- 33’31”). A despeito de sua evidente enfermidade, a cantora segue atraindo um número crescente de fãs. O público ama suas palavras e se regozija com o seu sacrifício; torna-se próximo à artista, solidarizando-se às dores dela – que também podem ser as suas. A artista se transforma e se renova a cada espetáculo, sua performance será impulsionada pela dor.

O sofrimento vai se desenvolvendo e tomando espaço a cada cena do filme e intensificando. Podemos afirmar que o sofrimento será entendido? Procuramos examinar no modelo performático de suas interpretações, seus gestos e suas expressões particulares. Os relacionamentos pessoais conturbados de Piaf, pleno de tragédias, mortes e separação alimentam o modelo da mártir: dor e tristeza que se transformam em emanções pungentes pela sua voz.

A performance de Piaf em harmonia com a paisagem sonora de Paris

Para além da figura emblemática no história da música popular, Édith Piat constitui exemplo *sui generis* de performance. É importante frisar que o vocábulo

performance extrapola o senso comum. Trata-se de um conceito, elaborado pelo medievalista Paul Zumthor, que a define como o ato de comunicação poética, no aqui-agora. Em outros termos, conceito de *performance* implica todos os eixos do processo comunicativo: a emissão da mensagem poética, a transmissão, a recepção, as circunstâncias (meios técnicos, condições de transmissão). Desta forma, para além da ação cênica, que envolve a emissão vocal, gestualidade, movimentos do corpo, também ganham destaque outros elementos, tais como o espaço físico em que ela se realiza. E aqui temos algumas observações importantes a destacar.

Carolyn Burke, biógrafa da cantora relata: Simone Berteaut, conhecida como Momone, ficou impressionada com as histórias de Piaf contadas por Piaf sobre viver nas ruas era sua própria chefe (2012). Piaf começou cantando nas ruas, amadoristicamente – isto é, não passou por escola de canto. Tal prática a levou a experimentar formas de ressonância e projeção vocal, de maneira a conseguir obter alcance a um público passante mais amplo. Isso se observa na máscara⁵. Esta característica foi mantida ao longo de toda a sua carreira, mesmo nos estúdios de gravação. Pode-se afirmar que Piaf logrou em cristalizar um modelo de canto, em sua *persona vocal*: Conforme apontam Heloísa Valente e Juliana Coli (2018): “Verifica-se uma estreita relação entre a gestualidade e jogo de imagens criadas, a partir da personalidade vocal, que é reafirmada pelo repertório. Esse processo se transfere para a construção das personagens vocais das cantoras de rádio” (2018, p.7).

Dessa forma é que existe a Piaf que conhecemos, sua foz forte e estridente, invadindo os lares, praças, as avenidas, iniciando pelas vielas e as ruas de Paris até os ambientes fechados, que acabaram por gerar a *imagem* da artista nos palcos, a paisagem sonora construída desde as ruas de Montmartre, nas calçadas, praças, circos e cabarés a voz forte de Piaf dominando os demais sons da época. Um corpo franzino e frágil, que se entrega ao seu público. Tais narrativas são expostas antes pelas palavras (a letra) mas também na maneira de entregá-las. Não raro devotada às amarguras da vida, Piaf acabou por consolidar uma imagem de martirizada,

⁵Assim denominamos a conformação muscular de obter o som, o que envolve posicionamento específico dos lábios e da face, posição do pescoço, além de todo o aparelho fonatório. É denominado aparelho fonador o conjunto de órgãos responsáveis pela fonação humana.

assumindo em sua performance; em seu corpo uma variante da representação do bode expiatório⁶ sobre o qual recaem as culpas alheias da tristeza após a guerra: dor e o sofrimento. E a retórica do corpo é contundente, conforme aponta Zumthor:

O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. (Zumthor, 1986 p.23)

Para além de seu repertório e performance, elementos outros como declarações à imprensa iriam corroborar tal imagem: um modo peculiar de se fazer representar estabelece as bases da vida pública da artista. Perguntamos: É de se frisar que o *marketing* da indústria fonográfica se servirá desta representação com eficiência...

Édith Piaf responde à pergunta, se tivesse de parar o que aconteceria? Piaf responde: "Vou dizer algo horrível, mas acho que me mataria..." (21'58"). A vida de Piaf teve inúmeros vários desafios, conflitos e perdas, com uma saúde frágil devido a excessos e traumas. Os últimos momentos de Piaf apontam o sucesso de audiência, a eficiência do modelo da dor como espetáculo midiático, público crescente. O poeta Jean Cocteau lhe disse, certa vez, por carta: Turnês lotadas pela França, até sua despedida, encerram a vida e tem início um modelo de audiência da saudade e da memória musical. Para Morin (1981, p.47) "Um espírito sem ideias preconcebidas recebe, por vias das mídias, uma chuva incoerente de informações que se dissipam em ruídos". Cantara pela última vez em público num concerto do seu amigo e discípulo Charles Aznavour, em novembro de 1999. As reações oficiais rivalizam de "tristeza e de emoção".

Como pode ser observar, as pessoas buscam referências artísticas, para externar os seus sentimentos vividos, nas alegrias e nos momentos de lamúria. O que

⁶ Essa estratégia do marketing fonográfico facilita a divulgação da canção, diminuindo as barreiras entre um artista e um potencial público, ainda que ele não resida em seu local da emissão da música.

quer a sociedade? Na visão do filme os fãs ao mesmo tempo chorar, lamentar, sofrer, nas interpretações fenomenais de Piaf, mas também se reerguer, se reconstrói, querem a vibração sonora da cantora parar sofrer de alegria, ambos geram essas identificações, todavia, o aspecto da interferência midiática, as vezes perversa e habilidosa em modelar, descobrir, explorar e até definir padrões sociais. Que não se basta ao papel de informar, mas também de ser vanguardista na aplicação de comportamentos que vão guiar a todos. A mídia que geralmente se diz imparcial não é nada disso. Ela pode esconder seus propósitos escusos. Mas o bom observador procura enxergar o que ela pretende, o que quer imprimir, e o que julga ser o melhor para todos. E isso é bastante questionável. Os últimos dias de Piaf seria mais um modelo, um *bode expiatório* que apresento neste artigo? A imagem pode construir os ídolos midiáticos, estes deixam de ser pessoas comuns para serem `personas` com traços adequados aos padrões de consumo da indústria do entretenimento da tristeza e da dor. Vozes e corpos em a performance, mídia primária costura com muita competência os padrões.

Performance nas capas de disco

A despeito das mazelas da vida retratadas por Pichon, Édith Piaf se desdobra em uma *persona midiática* e, como tal, deve atender aos ditames da cultura midiática (ou de massa⁷), que prega a existência da felicidade, que se obtém, em grande medida, graças ao consumo dos signos que esta mesma cultura estabelece e comercializa. Esta vem colorir a vida monótona que o cotidiano capitalista vem a impor ao cidadão comum. É o semioticista Norval Baitello Jr. que afirma:

Essa felicidade de ação e projetiva em relação a vida cinzenta e morna dos homens privados de todas as possibilidades de ação criadora ou responsável; está igualmente em oposição com uma outra concepção

⁷ Ainda que o conceito de cultura midiática seja mais apropriado para o estudo em pauta, precisamos reiterar que nos tempos em que Piaf desenvolveu a sua carreira, pensava-se a respeito da cultura de massa, isto é direcionada de maneira unilateral, a partir dos centros de poder político e econômico.

da felicidade que se desenvolve no seio da civilização, e à qual a cultura de massa, em seu setor prático e informativo, empresta sua colaboração (BAITELLO JR., 1997, p 125).

Ainda que a imagem retratada nas capas de disco revele a mulher que carrega o luto de suas experiências de vida⁸, sabemos, pelo filme dirigido por Pichon, que nem tudo na vida de Piaf era tristezas e dor. O diretor mostra várias nuances de sentimentos felicidade, tristeza, dor, rancor... Mostra também a solidariedade de seus fãs, que lamentam o sofrimento da artista, a imagem fragilizada de Piaf é explorada pela mídia, a retomada do indústria musical e fazer reverter a dor em motivação e estímulo ao consumo: um modelo de performance, uma voz e um momento perfeito para a construção desta matriz⁹, o apelo ao consumo estava sendo estabelecido. Seu corpo frágil em consonância e harmonia com os novos valores e hábitos sociais dos anos 1960, apontava para interesses do um novo modelo de imagem para o consumo. A *persona* de Piaf estabelece uma forma de comunicação com seu público, calcada não apenas na vivência da tristeza, do luto, trazendo a dor temas recorrentes nas canções de amor. Mas não se limitam a estes, é bom frisar. Juntamente a esse núcleo temático, há a descrição de tipos encontrados na Paris daquela época, evocação à alegria – mas estas referências não costumam aparecer nas capas dos discos e nas fotografias de divulgação.

Iniciamos com “As Mensagens espaciais, (desenhos, e pinturas, por exemplo) são suscetíveis de um desenvolvimento temporal pela exploração que se decompõe e sequencias de elementos intensivos transmitidos em uma ordem dada”. (Molles, 1969: 23). As imagens de gestos, mãos, olhares, corpo montam uma impressão uma conclusão, uma interpretação, quando recepcionamos uma imagem algumas interpretações são acionadas.

⁸ Um levantamento inicial em bancos de dados, como, por exemplo Discogs, aponta XXXX imagens (fotografias, pinturas e XXXX) que corroboram essa impressão.

⁹ NOTA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DELA NOS CAMPOS DE BATALHA DURANTE A 2ª GUERRA PARA INCENTIVAR OS SOLDADOS. Na época da Segunda Guerra Mundial, Édith Piaf era a cantora mais importante na França e apresentava-se para as tropas da França

Os deslocamentos entre dentro e fora, real imaginário, sentido e pensado, significante significado, sujeito real e o outro construído são elementos essenciais na lírica de Ana Hatherly, assim como as palavras tempo, espelho, são e viagem, que indicam relações intertextuais com imaginário e assim simbologia do barroco (“La vida es sueño”) e também da filosofia budista, que compara a essência mutável e impermanente. (Teixeira, 2009, p 16).



Imagem do fotograma do documentário – Versão brasileira. Figura 1 – Banner digital do Documentário Fonte: Canal Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=NPajmk5oCUM> Acesso em 19 de março de 2021

Um estilo de fonte Art Nouveau, uma imagem quase monocromática quebrada pela figura da narradora Sandy¹⁰, a imagem já explora um dos contrapontos (a felicidade) descrito neste trabalho, tenta eternizar com a figura da esquerda, mais representativa, em proporção e definição (qualidade do elemento), uma mulher nova,

¹⁰ O longa conta sobre as doenças enfrentadas pela cantora francesa e a sua luta para continuar nos palcos. Além de trazer depoimentos de pessoas do seu convívio, como sua secretária e o compositor Charles Dumont, que revelam que ela preferia morrer a abandonar a música. <https://www.virgula.com.br/home/legado/edith-piaf-documentario-sobre-a-vida-da-cantora-nesta-sexta-na-gnt/>

sorrindo, que transmite serenidade. Na parte esquerda da imagem, uma figura da artista, quase uma marca d'água, bem apagada de uma Piaf mais velha quase um fecho de luz, porém sorrindo. O filme vai finalizar com harmonia do fotograma do documentário. O processo imagético dentro dos campos da linguagem.



Imagem da capa do disco *Hommage À Édith Piaf*, *Non, je ne regrette rien* - Philips Figura 2

Fonte: Discogs *Edith Piaf – Hommage À Édith Piaf*, Philips, 1967, Disponível em:

https://www.discogs.com/pt_BR/Édith-Piaf-Hommage-%C3%80-%C3%89dith-Piaf/release/4932548

Acesso em 19 de março de 2021

A cultura deixa pistas e rastros, elementos que serão identificados que podem ser analisados para olhar, conectando algo àquilo que está sendo visto como "mater dolorosa", como a Virgem Maria triste para o Cristo morto. O quadro sugere padecimento, solidariedade, sofrimento imensurável e incomensurável. Uma olhar barroco, de agradecimento, de reconhecimento. O olhar neste momento é para outro lado, o de uma analogia visual, de leitura e o da comunicação com o seu público-alvo.

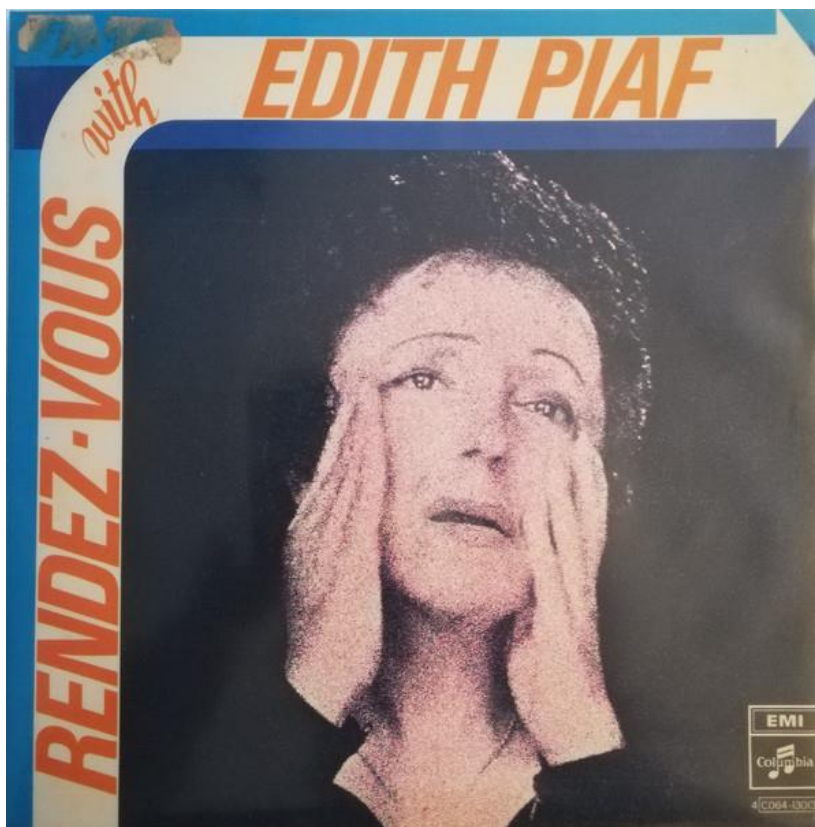


Imagem da capa de disco - Rendez-Vous With Édith Piaf- Colombia. Figura 3
Fonte: Discogs https://www.discogs.com/pt_BR/Édith-Piaf-Rendez-Vous-With-Édith-Piaf/release/4892471 Acesso em 19 de março de 2021

Para o arquiteto português Cunha, pinturas que transmitiam a necessidade do arrependimento, desencadear nele sentimentos de contrição e arrependimento, um dos objetivos da arte barroca, outro instantâneo que reproduz a gestualidade característica de Piaf. Uma sentença de dor, expressão de remorso, incompreensão, a imagem transmite contemplação, êxtase, comum nas obras pictográficas de inspiração religiosa, percepção de que pode ou de quem já conseguiu sua harmonia interior com dedicação e missão executada com fervor. Interpretação, compreensão de algo intangível pelos “comuns seres mortais” (Cunha, 2012).

Aqui a cantora aparece em um momento performático no palco. Percebem-se os gestos peculiares da cantora. As disposições gráficas dos elementos formas, expressões permite ao leitor inúmeras formas de leitura, as estruturas composicionais, estéticas e conceituais conduz a uma decodificação consensual. De acordo como professor Moro, olhar a imagem pictográfica como parte de um fenômeno cultural que

tem a capacidade de circularidade e absorção e que percorre as classes sociais com identidades e subculturas dentro de uma circularidade. As mãos em busca de algo, um suplício, uma lamúria, um modo triste de se expressar, transmitindo uma apelo, um pedido de perdão.

A pintura recorreu a três componentes básicos: o claro-escuro, o sensualismo colorista e o dinamismo plástico, a que associou o dramatismo na composição (fluência curvilínea das formas, eixos oblíquos), na cor (tonalidades quentes, iluminação lateral) e no conteúdo (aparato teatral de expressões e de atitudes). (Cunha, 2012, p.28)

Uma proposta oportuna para um novo espetáculo, a apresentação, uma nova experiência pode ser com a protagonista do modelo perfeito. As performances se alteram, se transformam em consonância com as formas de comportamento, normas e narrativas criadas sobre cada momento da vida íntima da cantora.

Trata-se, pois, de um signo complexo, do qual participam elementos visuais (o corpo e sua respectiva imagem) sonoros (a voz, a impositação), o conteúdo das letras, a teatralidade no ato cênico. A construção dessa realidade é composta de valores e sentimentos atribuídos à imagem de um produto – os discos de Édith Piaf, criados para enfatizar as formas de representação do lamento e da dor. Piaf estava “sob medida” para satisfazer o seu público de fãs, fazendo-se objeto de consumo de natureza musical: sua voz potente, estabelece um modo de comunicação peculiar, pelas formas de sensibilidade trazidas pela canção.

Mais a paisagem sonora é demasiado complexa para ser reproduzida pela fala humana. Assim, somente na música é que o homem encontra a verdadeira harmonia dos mundos interior e exterior. Será também na música que ele criará os seus mais perfeitos modelos da paisagem sonora ideal da imaginação. (Schafer, 1977, p..30)

Piaf um hino de amor, A voz da dor, a voz do amor. De acordo com Henrique Figueiredo Carneiro “Sua voz é sua arma subjetiva que procura preencher, sobretudo,

com suas sensações” (Carneiro, 2007) e se apresenta na época como novo código, novos meios e os ouvidos preparados como portas de entradas, abertas.

Uma matriz estabelecida, um produto bem-sucedido, a receita do contraponto entre a dor e a glória, a similaridade do texto é proposital para identificar a construção da outra imagem, do espelho, completando com um amplo abraço, sem o confronto e sim a harmonização dos extremos. Momento de luto e perda, em que boa parte das pessoas, procurando motivos para viver sejam pela felicidade ou pela dor, reconstruindo novas relações.

Podemos observar as comparações das performances dos artistas, ou melhor – os contrastes- das imagens dissemelhantes nos rótulos, da oposição das imagens dos artistas que os protagonistas receberam durante suas carreiras, e também após seus óbitos. Piaf sempre sofrida, dolorosa, respirando a tragédia, apresenta o seu corpo com os ombros retraídos, pouca mobilidade¹¹ expressões de tristeza, ainda que exaltando o amor.

Ato final: a eternização midiática de Piaf: de cantadeira a ícone (conclusões parciais).

Da morte da artista para construir no imaginário, na memória coletiva o final desejado pelos franceses, uma trapaça, manipulando o local do óbito de Piaf, construiu um cenário midiático perfeito para um registro histórico comercial: “O público veio enterrar uma semelhante”, atesta Bernard Marchois (7’02”) O documentário corrobora a criação deste modelo midiático.

As imagens da dor e da felicidade buscavam seus corpos, suas capas e suas cascas, numa sociedade que, a despeito dos terrores da guerra, tinha sede de vida, necessitando, assim, expressar-se em sorrisos e de choros. É de se enfatizar que a voz de Piaf é emblemática, soe pelos alto-falantes do rádio, soe pelos alto-falantes instalados nos palcos montados nos campos de batalha para apresentações, com o intuito de incentivar os combalidos soldados que conviviam com a desgraça, solidão

¹¹ De acordo com o que o filme apresenta, muito precocemente Piaf foi acometida de artrite reumatoide, enfermidade que, para além da dor física acarretava mudanças de postura e restrição à mobilidade.

e morte diariamente a seguirem adiante. Piaf é peça fundamental na configuração da paisagem sonora (Schafer, 2001) de seu tempo.

Não será por acaso que a mulher sofrida, que respira a tragédia, parece carregar sobre os ombros retraídos e estreitos, expressões de luto e tristeza, ao mesmo tempo em que se esforça por uma representação contrastante, baseada na imagem da mesma Piaf forte, destemida, vibrante e enérgica, que sobreviveu a tantas mazelas que a sua história de vida lhe trouxe. Dessa forma, a imagem midiática de Piaf é, a um só tempo, a do bode expiatório e a da mensageira da esperança. O panorama de seu tempo, conjugado à sua trajetória de vida é marcado, como já insistentemente apresentamos, pela expressão da alegria e da dor: uma incontestável demonstração de desejo de vida, em contraponto a comportamentos de notas e, tom suicida: o documentário registra situações em que a cantora desobedece a orientações médicas (necessidade de repouso, restrições alimentares etc.).

Nesse ambiente, deve-se levar em conta as atitudes e deliberações da indústria fonográfica, em expansão àquele tempo: muitas vezes perversa, mercenária e habilidosa em modelar, descobrir, explorar e até definir padrões de consumo. Que não se basta ao papel de informar, mas também de ser vanguardista na aplicação de comportamentos que vão guiar multidões – justamente com o fim precípua de estender sua atividade comercial.

A canção de Piaf afastando a dor da população, já para Piaf a dor vem cada vez mais forte, aos poucos essa luta vai terminar, uma autodestruição consciente e negligente a todo tempo, um jogo embaralhando as glórias e as fatalidades dentro do contexto do show e do espetáculo, observamos o tique-taque do relógio, uma contagem regressiva nos últimos instantes, a cada apresentação um tombo na vida pessoal e aplausos para a glória na vida pública. Fica evidente nos últimos shows um espetáculo, a eminência da morte de Piaf no palco, o último suspiro da cantora francesa, várias vidas em uma só. O diretor daria exclusividade para encerrar o documentário com a última e esperada apresentação de Piaf.

Édith faleceu em 1963, aos 47 anos, com uma saúde bastante frágil devido a seus excessos e traumas. Piaf tinha de morrer em Paris, para efetivar o grande final, o traslado do corpo de Cannes para Paris de maneira clandestina. A cumplicidade de

Théo Sarapo (marido) com a secretária Danielle Bénichou leva-os a manipularem realidade dos fatos para oferecer um final aceitável pelo seu público de fãs.

O grande final editado para fechar uma encerrar a vida da mulher artista, a ser considerada, em si, como uma obra.

As cenas finais do filme apresentam uma Piaf muito frágil fisicamente, o amor pela vida e pela perfeição nos momentos finais, “quando você canta é como se rasgasse a alma pela última vez” escreve Jean Cocteau em uma carta (49’52”). O diretor Philippe Pichon nos últimos minutos do filme apresenta a narrativa de uma Édith sempre em repouso, serena, sorrindo, contemplando e, por fim vai construindo uma saída de cena da artista, “São pessoas que, no tempo que lhe é dado, que vivem 10 vezes mais que os outros” Charles Dumont (50’28”). O final se concentra nas descrições dos momentos finais de Piaf, uma essência intensa das histórias em pouco tempo de vida, viveu mais que os outros, foi extrema em quase tudo, deste a irritabilidade como na generosidade, inúmeras tempestades entre o trinfo e a infelicidade, fez mais uso da vida que do tempo que foi ofertado, viveu além da oferta do tempo que a vida lhe entregou, sentimentos intensos na vida de uma artista que estava encerrando a performance física desta vida, o contraponto agora pende para a felicidade, ocorre no final, agora sem dor e lamento apenas a ida de uma mulher feliz, gloriosa, vitoriosa se despedindo. O entrelaçamento embala a canção e seus fãs, a consagração ocorre antes do final do filme, e antes do final da vida, performance esperada, o descaço do corpo, finalizando a performance que vai acompanhar Édith Piaf após sua partida e sempre.

Consideramos que, ainda que de maneira sucinta, a obra de Pichou logra seu intento e ajuda a compreender mais detalhadamente a persona midiática de uma mulher além da artista, representou o seu tempo e não apenas em terras francesas.



Referências

BAITELLO JR, Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BURKE, Carolyn. **Piaf: Uma vida**. São Paulo: Leya, 2012.

CADET, Valérie Les Derniers

TEIXEIRA, Claudio Alexandre de Barros. **A estética do labirinto: barroco e modernidade em Ana Hatherly**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CARNEIRO, Henrique Figueiredo. Piaf: um Hino ao Amor. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 581-585, 2007.

CONTRERA, Malena. **Mediosfera**. São Paulo: Imaginalis 2017

CUNHA, João Pedro Pinto da. **O transcendente na arte barroca: expressões da Salvação na iconografia das igrejas da cidade de Guimarães**. 2012. Tese de Doutorado.

Jours d'Édith Piaf Disponível em https://www.lemonde.fr/vous/article/2005/12/30/les-derniers-jours-d-edith-piaf_725940_3238.html Autora: Valérie Cadet Postado em 30 de dezembro de 2005, 15h20 - Atualizado em 30 de dezembro de 2005, 15h20. Acessado em: 19 de mar. 2021.

MOLLES, Abraham. **Teoria da informação e percepção estética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969. 308 p.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2002.

MORO, Gláucio Henrique Matsushita et al. **Pictograma e pictografia: objeto, representação e conceito**. 2016.

PICHON, Philippe. **Os últimos dias de um ícone – Édith Piaf**; Youtube, <https://www.youtube.com/watch?v=NPajmk5oCUM> ; “Acesso em” 10 fev de 2021, (52’16”)

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, p. 57-71, 2005.

SCHAFER, Murray, **A afinação do mundo**, São Paulo: UNESP ,1977

VALENTE, Heloísa de A. Duarte. **As vozes da canção na mídia**. São Paulo: Via Lettera, 2003

VALENTE, Heloísa de A. Duarte; COLI, Juliana Marília; FARIAS, Raphael Fernandes Lopes. **Performance e a criação da memória midiática: música vocal e sua transmissão radiofônica no Brasil da década de 1950**. In: XXVIII Congresso da ANPPOM-Manaus/AM. 2018.

ZUMTHOR, Paul, **Performance, recepção e leitura**, São Paulo: Cosac & Naify, 1986